

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PROCLAMAR O REINO DE DEUS É A MISSÃO DO POVO DE DEUS Proclamation the Kingdom of God is the mission of the people of God

Me. Evandro Roque Rojahn¹

RESUMO

Este trabalho mostra que o povo de Deus constitui a unidade orgânica do Reino de Deus e não pode ser restringido apenas ao conceito de igreja. Evidencia-se também que a igreja é o povo de Deus, mas o povo de Deus não é apenas a igreja. As raízes deste povo são mais antigas que a igreja do Novo Testamento. Para compreender mais amplamente o sentido da identidade e missão do povo de Deus, é preciso traçar sua formação primária, o que não se restringe ao Novo Testamento, mas pode ser encontrado desde Abraão. O povo de Deus começa com Abraão, estrutura-se no deserto, onde também Deus revelará sua identidade e propósitos. Com a instituição da monarquia, o povo de Deus é reconhecido oficialmente como nação diante de outras nações. A queda dos reinos do Norte e do Sul deixa em aberto a questão acerca do sucesso ou fracasso do povo de Israel em cumprir sua missão de ser Luz para as nações. O artigo também defende que o Novo Testamento apresenta a necessidade de uma nova formação, de um novo povo de Deus. Assim, Jesus escolhe doze homens. Esses homens constituem a unidade orgânica do Reino de Deus, a igreja. Eles cumpriram a missão dada por Jesus de viver e proclamar o Reino de Deus. Mas, aparentemente, a igreja atual não está seguindo no rumo do Reino de Deus. Parece ter seus próprios interesses.

Palavras-chaves: Povo de Deus. Antigo Testamento. Novo Testamento. Igreja. Reino de Deus.

¹ Graduado em Artes Visuais, Filosofia, Letras/Inglês, Bacharel em Teologia, Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento, mestre em Teologia pela FABAPAR. Professor de Arte e Filosofia na Rede Estadual de Educação do Paraná. Casado com Luciana Braz dos Santos, pai de Alexandre dos Santos. Atualmente é colaborador da obra de Deus na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério de Rio Branco do Sul / PR. E-mail: teologiaevandro@gmail.com.

ABSTRACT

This paper demonstrates that God's people constitute the organic unity of God's Kingdom. Although the church is God's people, this concept can not be limited to the church only. The roots of this group are older than the New Testament's church. To understand the meaning of the identity and mission of God's people is necessary to trace their primary formation, which is in Abraham. God's people began with Abraham. Their structuring occurred in the desert, where God also revealed their identity and purposes. With the institution of the monarchy, God's people became a nation before other nations. The fall of the northern and southern realms left open the question of the success or failure of Israel's people to fulfill their mission of being light to the nations. This paper also argues that the New Testament presented the need for a new formation, a new people of God. That is why Jesus chose twelve men who constituted the organic unity of God's Kingdom, the church. They fulfilled the mission given by Jesus to live and proclaim God's Kingdom. The contemporary church, otherwise, does not seem to be walking according to the principles of God's Kingdom.

Keywords: People of God, Old Testament, New Testament, Church, Kingdom of God.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em proclamar o Reino de Deus como sendo a missão mais relevante do povo de Deus, deve-se ter em mente qual é a identidade desse povo de Deus. Ao mencionar “povo de Deus”, logo é possível associar esse conceito ao de igreja. A partir disso, alguns já poderiam concluir que esse “povo de Deus” é aquela igreja que Jesus disse que edificaria. A mesma que se iniciou no dia de Pentecostes e que fora comissionada a anunciar o Evangelho. Essa não seria uma ideia de todo errada. Porém, o conceito de povo de Deus tem raízes mais profundas que isso. O povo de Deus é chamado de igreja quando assume uma continuidade na missão do antigo Israel, que também era povo de Deus.

Para que se tenha uma ideia mais abrangente da missão do povo de Deus, é necessário analisar a formação do povo de Deus desde o início. Por isso, nesse artigo, primeiramente será pesquisado o início do povo de Deus, que não é apenas a igreja, mas os salvos de todas as épocas.² Será importante conhecer as promessas de Deus a Abraão e demonstrar a grande importância que seu chamado tem para o povo de Deus no que diz respeito à sua identidade e missão. Na sequência, o povo de Deus está no deserto, onde poderá se estabelecer; dessa vez, porém, será esclarecido o motivo de sua eleição dentre as outras nações e o propósito para o qual foram chamados por Deus. Para concluir o primeiro capítulo será importante pensar um pouco sobre a monarquia de Israel. O que parece ser promissor, levará a nação toda a um destino cruel.

Será importante analisar e refletir sobre a questão de Israel, como povo de Deus, ter ou não cumprido sua missão e estabelecido sua identidade. Isso será de importância ímpar para compreender a necessidade de um desdobramento especial para o Novo Testamento; a escolha dos doze como núcleo do novo povo de Deus. Será interessante conhecer as

² STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 1559.

implicações do chamado dos doze e o estabelecimento de sua missão e identidades comparadas ao povo de Deus do Antigo Testamento. Outro fator importante será a descrição dos dois eixos da missão do povo de Deus no Novo Testamento, pois após delinear esses dois eixos ficará mais fácil de determinar, por meio de comparação, se o povo de Deus da atualidade está ou não, cumprindo sua missão e evidenciando sua identidade como a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para anunciar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pd 2.9).

1. A MISSÃO DO POVO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Falar da missão do povo de Deus no Antigo Testamento pode parecer algo muito abrangente, porém, sendo delineada a formação desse povo e analisada a promessa de Deus ao patriarca Abraão, o passo seguinte, no deserto, na aliança do Sinai, ficará evidente o motivo e o propósito de Deus ao escolher Israel: ser luz para as nações. A missão de Israel no Antigo Testamento consiste em viver o Reino de Deus e convidar outras nações a fazer o mesmo. Basicamente, significa ser luz para as nações. Mas Israel foi perdendo o foco paulatinamente, a ponto de pedir um rei humano no intuito de ser como as demais nações. Esse foi um pedido que custou muito caro ao povo de Deus. Desviaram-se do propósito de Deus, foram exilados e dispersos. O Antigo Testamento terminará revelando o grande fracasso de Israel, mas revelará a esperança de restauração que será empreendida pelo Messias, Jesus. Assim, este primeiro ponto destacará a formação, o serviço e a queda de Israel, culminando em seu fracasso como Povo de Deus.

1.1 A formação do Povo de Deus

Quando se fala em “povo de Deus”, o pensamento de grande parte dos cristãos é remetido aos primórdios da igreja nos evangelhos e Atos dos apóstolos. Mas falar sobre o povo de Deus não é necessariamente o mesmo que falar de igreja. A igreja certamente tem início no Novo Testamento, mas o povo de Deus é mais antigo que isso. O Antigo Testamento é onde realmente se pode encontrar a primeira formação do povo de Deus. Certamente, deve-se retornar até os dias da criação, onde estão registrados os relatos de Adão e Eva, seus pecados e principalmente o proto-evangelho.³ Segundo Peters, “é aqui que a proto-evangelização é anunciada pela primeira vez”.⁴

Peters ainda sugere a necessidade de uma pesquisa “quanto à revelação do Antigo Testamento, considerando primeiro a intenção missionária de Gênesis 1-11”.⁵ A intenção missionária é a revelação da missão de Deus, isto é, como Deus realizará a redenção da humanidade decaída e degenerada pelo pecado. Segundo Goldsworthy, a história da

³ *Proto* significa “primeiro”. Quando empregado a respeito de passagens do Antigo Testamento, significa que há naquela passagem uma evidência de Boa Nova semelhante ao Evangelho no Novo Testamento.

⁴ PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Tradução de Adão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 102.

⁵ PETERS, 2000, p. 102.

redenção não é revelada de uma única vez, antes, é progressiva.⁶ A revelação da redenção foi revelada no proto-evangelho devido às consequências da queda do homem, no qual “seu senso de Deus, tanto moral como religioso, pode ter se tornado impreciso e cego e a busca por Deus na natureza exterior tem se tornado objeto de erro e distorção”.⁷ A distorção na busca por contato com Deus afetou toda a humanidade. Daí a necessidade de uma redenção.

Sobre o proto-evangelho de Gênesis 3.15, Peters afirma:

Adão, realmente, é o líder seminal de toda a raça humana. Devido a essa unidade orgânica da raça em Adão, toda a raça cai em pecado, culpa, corrupção moral, separação de Deus e desintegração social. Devido a esse fato solene, a primeira promessa de um Redentor que está para vir e de tremenda relevância. Essa promessa foi feita a toda a raça humana. Gênesis 3.15, o proto-evangelismo, a estrela da manhã em meio à mais escura noite da humanidade, é uma promessa de importância universal.⁸

O proto-evangelho, a promessa de redenção, é considerada universalmente, isto é, se refere a toda a humanidade. A partir do momento em que o plano de Deus é revelado, surge então a necessidade de esclarecer o método por meio do qual esse projeto será desenvolvido e consumado. Entre a história primeva⁹ e a história dos patriarcas de Israel¹⁰ está uma passagem de conexão, “a promessa dada a Abraão em Gênesis 12.2,3 é uma passagem de conexão entre as duas seções”.¹¹

O plano de Deus revelado no proto-evangelho, sua intenção, é definida por Wright como “a missão de Deus”, e consiste “na destruição final de todo o mal em toda a sua criação”.¹² Acerca do plano de Redenção, Wright declara o seguinte:

Deus escolheu não abandonar nem destruir sua criação, mas redimi-la. Ele escolheu fazê-lo dentro da história, por meio de pessoas e acontecimentos que vão desde o chamado de Abraão até à volta de Cristo. Embora cada parte dessa história grandiosa contribua para o todo, precisamos ver cada seção deste curso como uma unidade fundamental – o único grande ato salvador de Deus. Penso que a unidade entre as seções do Antigo Testamento e do Novo Testamento, em relação a esta parte da história bíblica da redenção, é a razão de o Apocalipse retratar a humanidade redimida, na nova criação, cantando o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (Ap 15.3). Isso nos livrará de entendermos erroneamente o Antigo Testamento como o plano de salvação A (falho) e o Novo Testamento como o plano de salvação B (bem-sucedido).¹³

⁶ GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**. Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2016, p. 49.

⁷ VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica**. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 34.

⁸ PETERS, 2000, p. 103.

⁹ Gênesis 1-11 é chamado de história primeva por Goheen.

¹⁰ Gênesis 12-50 é denominado história dos patriarcas de Israel.

¹¹ GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações; tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 45.

¹² WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012, p. 50.

¹³ WRIGHT, 2012, p. 50.

A partir desta compreensão da missão de Deus, de redimir toda a humanidade, é possível perceber a importância do chamado de Abraão em Gênesis 12.2,3. Wright assinala o chamado de Abraão como o início da missão de Deus. Segundo Wright, “O chamado de Abraão é o começo da resposta de Deus à maldade dos corações humanos, à rivalidade das nações e à fraqueza lamuriosa de toda a sua criação. É o início da missão de Deus e da missão do povo de Deus”.¹⁴

Goheen é da mesma opinião quando declara que:

Deus inicia uma longa jornada de restauração, mantendo sua promessa de curar a criação apesar da insistência humana no erro e na infidelidade. (...) Deus continua empenhado na restauração da criação, mas agora o fará de uma forma nova, por meio de Abraão.¹⁵

Após a queda do homem, Deus revela sua intenção missional e, com o chamado de Abraão, Deus declara como realizará sua missão.

Assim, Abraão, sua família e a nação que se formará a partir dele são escolhidos para participar da missão de Deus: desfrutar da bênção redentora de Deus e andar nos caminhos do Senhor a fim de que as nações possam participar dessa bênção.¹⁶

Com isso, é possível considerar que Deus está formando uma comunidade, para que, por meio dela, seu nome seja glorificado e anunciado entre as nações. Isso pode ser inferido a partir da declaração de que em Abraão “serão benditas todas as famílias da terra”.¹⁷ Isso novamente deixa claro que a missão de Deus é universal.

1.2 O Povo Servindo a Deus no Deserto

A comunidade do povo de Deus tem início com Abraão. Millard Erickson, ao descrever as imagens bíblicas da igreja, faz a seguinte observação:

O conceito de igreja como povo de Deus enfatiza a iniciativa divina de escolhê-lo. No AT, Deus não adotou uma nação existente como sua, na verdade, ele criou um povo para si mesmo. Escolheu Abraão e, então, por meio dele, trouxe à existência o povo de Israel.¹⁸

Isto sugere um segundo estágio do povo de Deus, isto é, o segundo momento da formação do povo de Deus no Antigo Testamento, diz respeito ao povo de Israel adorando a Deus no deserto. No deserto, Deus revela algumas implicações da escolha do seu povo. Significa que, não é apenas uma obrigação com relação à santidade de Deus, mas um privilégio em servi-lo. Embora o povo de Deus seja chamado de igreja no Novo Testamento, isso não significa que “como todas as outras obras de Deus, a igreja não é uma ideia tardia; Ele ordenou

¹⁴ WRIGHT, 2012, p. 79.

¹⁵ GOHEEN, 2014, p. 46.

¹⁶ GOHEEN, 2014, p. 51.

¹⁷ **BÍBLIA**, Português. Bíblia Sagrada Harpa Cristã. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 13.

¹⁸ ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 1000.

a igreja desde a eternidade” e “o Antigo Testamento fez preparativos para ela”.¹⁹ Esses preparativos, bem como a função do povo de Deus, podem ser encontrados no Pentateuco.

Como já fora observado anteriormente, a escolha de Israel como povo de Deus não se deu em formato de adoção, antes, Deus preparou para si um povo específico, uma nação oriunda de sua promessa a Abraão. Segundo Merrill:

A escolha de Israel como povo servo já estava implícita nas declarações do concerto patriarcal (Gn 12.1-3; 15.13-21; 18.18; 22.18; 26.3,4, etc.), mas foi somente com a libertação ocasionada pelo êxodo que a nação como tal entrou em existência histórica. O êxodo é de extrema importância teológica como ato de Deus que destaca um momento decisivo na história de Israel, um evento que marca a transição de povo para nação.²⁰

Agora o povo de Deus não é apenas ‘povo’, mas uma nação.²¹ Isso traz consigo algumas implicações importantes, principalmente na postura diante das nações pagãs de Canaã. A religião instituída no período mosaico é basicamente nacionalista. Peters, sobre esta religião nacional de Israel, afirma:

O proto-evangelismo (Gn 3.15) torna-se a estrela brilhante que surge dentre a escuridão e o desespero, e Gênesis 12 – o chamado de Abraão – é o começo de uma contracultura divina designada tanto para deter o mal quanto para esclarecer o glorioso plano, propósito e a salvação de Deus.²²

Por meio do ato de redenção que Deus realizou ao tirar seu povo do Egito, o povo passa a ser o povo de Deus redimido. Esse é um fator de alta relevância para a compreensão da postura do povo de Deus, pois neste momento Deus reivindica o compromisso do seu povo. É isso que Goheen afirma: “como seu libertador, Deus reivindicou o direito de exigir do seu povo o compromisso de obediência a ele na aliança”.²³ Ser redimido significa ser livre para render lealdade total exclusivamente a Deus. Somente após Israel ser redimido é que se tornaria apto para se engajar na missão de Deus, pois, por meio do testemunho de Israel, outras nações seriam convidadas a servir a Deus. Basicamente, “a redenção liberta Israel para cumprir seu papel e identidade abraâmicos”.²⁴

A narrativa de Êxodo se encaminha para o capítulo dezenove, no qual Deus revelará o motivo e o propósito da redenção de Israel. Deus fará um acordo com Israel e “no centro desse acordo, há a exigência de que eles devem reconhecer, por meio do amor e da obediência, o senhorio exclusivo de Javé”.²⁵ Goheen destaca que “o relato não é direcionado somente para

¹⁹ GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**: Vol. 2; pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas; tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 506.

²⁰ MERRILL, Eugene. In: ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 44.

²¹ KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 105.

²² PETERS, 2000, p. 110.

²³ GOHEEN, 2014, p. 54.

²⁴ GOHEEN, 2014, p. 54.

²⁵ ALEXANDER, T. Desmond. In: ALEXANDER, T. D.; et. al. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Tradução de William Lane. São Paulo: Vida, 2009, p. 161.

esse momento; ele também segue para além dele”.²⁶ Na Bíblia Almeida Revista e Corrigida, na passagem de Êxodo 19.3-6 está escrito:

E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim; agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.²⁷

Três coisas são ditas por Deus nesse texto e merecem elevada atenção; 1) propriedade exclusiva; 2) reino sacerdotal e 3) nação santa. Acerca do primeiro conceito (propriedade exclusiva), Deus deixa claro que toda a terra é Sua, e que Israel foi escolhida dentre todas as nações da terra para ser seu tesouro particular. Mas Goheen declara que “a eleição de Israel como tesouro especial de Javé não é um fim em si mesmo, mas um meio para um fim muito maior”.²⁸ Wright é da mesma opinião, segundo ele, “Deus havia acabado de salvar da escravidão uma nação em particular, mas seu alvo supremo era oferecer a salvação a todas as nações”.²⁹

Com relação ao segundo conceito (reino sacerdotal), é possível perceber uma referência à ideia de Reino de Deus no Antigo Testamento. Segundo Caragounis, a ideia de Reino de Deus “está por trás de todo o relacionamento entre Javé e Israel” e, nesse caso (a aliança do Sinai) “a aliança com Israel é a que afirma a suserania de Deus sobre seu povo”.³⁰ O papel sacerdotal de Israel é representar Deus em meio às nações. Basicamente, Israel deveria ser para o mundo o que um sacerdote era para um povo. Esse é o caráter servidor e mediador do povo de Deus revelado no Antigo Testamento. Nesse sentido, Goheen ressalta os aspectos que caracterizam o ministério de um sacerdote. Segundo Goheen:

Um sacerdote é separado e totalmente consagrado ao Senhor: essa é a verdadeira essência do que ele deve ser e fazer. Ele deve atuar como mediador e canal da presença santa de Deus para a comunidade por meio de sua própria vida e comportamento santos, um modelo de consagração e devoção a Deus.³¹

Wright é da mesma opinião. Para ele, “como o povo de YHWH, eles teriam a tarefa histórica de trazer o conhecimento de Deus às nações, e de trazer as nações para os meios de expiação para com Deus”.³² Assim, “da mesma maneira, Israel é chamado por Deus para mediar sua presença para as nações ao seu redor, a fim de ser uma evidência concreta da

²⁶ GOHEEN, 2014, p. 57.

²⁷ **BÍBLIA**, Português. Bíblia Sagrada Harpa Cristã. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 81.

²⁸ GOHEEN, 2014, p. 58.

²⁹ WRIGHT, 2012, p. 141.

³⁰ CARAGOUNIS, C. C. In: REID, Daniel G. (edit.) **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

³¹ GOHEEN, 2014, p. 58.

³² WRIGHT, 2012, p. 144.

presença de Deus em seu meio”.³³ Israel, como povo de Deus, deve ter uma postura sacerdotal, deve demonstrar Deus às nações e trazer as nações à presença de Deus.

Sobre o terceiro conceito (nação santa), este trata da identidade do povo de Deus (Israel). Israel, como povo de Deus, deveria ser um povo santo. Segundo Goheen, “santidade é a qualidade especial de algo que foi separado de seu uso normal e consagrado para o serviço à Deus”.³⁴ Assim, Israel é posto à parte das demais nações. Wright sugere que “Israel deveria ser tão diferente das outras nações como YHWH era diferente dos outros deuses”.³⁵ Toda a solenidade revelada no Sinai visa preparar o povo para receber a Lei do Senhor.

Segundo Carson, essa solenidade é uma preparação para receber a Lei e “indica o papel importante que Israel haveria de desempenhar nos planos futuros de Deus”.³⁶ Toda esta solenidade, portanto, tem o objetivo de evidenciar a importância do evento no Sinai. Israel descobriu o motivo pelo qual Deus os redimiu, a saber, para que fossem unicamente seus, seu tesouro particular, para que se tornassem um reino de sacerdotes, trazendo Deus ao mundo e o mundo a Deus, e por último, ser um povo santo, isto é, consagrado exclusivamente a Deus por meio da santidade demonstrada diante das nações. Esse deve ser o caráter, a identidade e a missão do povo de Deus.

1.3 O Fracasso de Israel como Povo de Deus

Após a declaração da Lei na aliança do Sinai, Israel conclui sua jornada pelo deserto, e depois da morte de Moisés, conquista a terra de Canaã sob a liderança de Josué. O que segue a morte de Josué é um período instável da história de Israel, o período dos Juízes. Esse período se resume em quatro características principais: 1) Israel esquece de Deus; 2) Israel é oprimido; 3) Israel clama a Deus; e, 4) Deus envia um juiz. Esse é o ciclo do livro de Juízes.

O clamor de Israel por um rei é encarado negativamente por Carson. Segundo Carson, “o v. 12 renova a acusação de 8.7,8 de que, ao exigirem um rei humano, os israelitas estavam rejeitando que Javé fosse Rei sobre eles. (...) Tomaram a questão em suas próprias mãos, rejeitaram o governo de Javé e exigiram um rei”.³⁷

Digna de menção, é a posição de Richards. Ele aponta o pedido por um rei como “*a tolice de Israel*”. Segundo Richards, “quando nos dias de Samuel, o povo de Israel pediu um rei, cometeram uma tolice. Em outras palavras, demonstraram trágica falta de percepção espiritual”.³⁸ Para justificar sua posição sobre o pedido de Israel, Richards apresenta um argumento que recorda a intenção missional de Deus:

³³ GOHEEN, 2014, p. 58.

³⁴ GOHEEN, 2014, p. 59.

³⁵ WRIGHT, 2012, p. 147.

³⁶ CARSON, D. A.; et. al. **Comentário bíblico Vida Nova**. Tradução de Carlos E. S. Lopes. et al. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 170.

³⁷ CARSON, 2009, p. 471.

³⁸ RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse**. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004, p. 242.

O desejo de Israel era ter um rei para que fossem como as outras nações, ou seja, um rei que pudesse governá-los e ir adiante deles nas batalhas (1 Sm 8.20). Mas Deus chamara Israel para ser diferente das outras nações. Como Moisés declara: ‘que grande nação tem um Deus tão próximo como o Senhor, o nosso Deus, sempre que o invocamos?’ (Dt 4.7). Era o relacionamento direto com o Deus dos céus que tornava Israel diferente das outras nações. Ao pedir um rei, estavam na verdade rejeitando o governo direto de Deus e negando sua herança singular.³⁹

É provável que os argumentos de Israel eram infelizes. A despeito disso, o próprio Moisés “já havia previsto o dia em que o povo exigiria um rei, e por isso a Lei estabeleceu os padrões que diminuíram os perigos da monarquia”.⁴⁰ É importante perceber que, “pelo menos haviam pedido a Javé que escolhesse o homem concreto que deveria ser o rei”.⁴¹ O perigo da monarquia recaía sobre a escolha do rei. Carson assegura que “era verdade que Deus havia escolhido Saul e que mais tarde também escolheria Davi, mas no reino do Norte, depois da morte de Salomão, muitos reis seriam escolhidos por um seguimento ou outro da população”.⁴² Após apontar o surgimento de uma crise oriunda do pedido de Israel por um rei, Caragounis afirma que “com a ascensão de Davi ao trono a situação se normalizou” e “via-se a monarquia como a manifestação concreta do governo de Javé”.⁴³ Estaria tudo bem se “o rei de Israel se submetesse ao Rei dos reis”, pois, “o rei que não se submetesse a Deus certamente traria desgraça para a nação”.⁴⁴

A despeito da monarquia em Israel não ter sido vista com bons olhos em seu início, Peters fala de um desabrochar missionário na época de Davi e no período profético. Peters compreende a importância de Davi relacionada à institucionalização da adoração. Peters afirma que por meio de Davi “há um alto nível de adoração introduzido que torna Israel, exclusivamente uma comunidade de adoradores”.⁴⁵ Isso significa que a vida religiosa de Israel tem um novo centro em Jerusalém. Isso se consolida por meio de Salomão com a construção e consagração do Templo. Wright sugere que “esse é o ápice dos reinados de Davi e Salomão”.⁴⁶ E Goheen destaca a importância da adoração e do sacrifício como “essenciais para a identidade e o chamado missionais de Israel”.⁴⁷

Peters declara que “realmente o Antigo Testamento é um livro missionário e Israel é um povo missionário”.⁴⁸ Embora Peters veja com bons olhos a atuação missionária de Israel, essa não é uma ideia geral. A nação de Israel se dividiu em dois reinos. Os profetas foram levantados por Deus para tentar refrear a torrente idólatra e depravada de Israel, mas não

³⁹ RICHARDS, 2004, p. 242.

⁴⁰ RICHARDS, 2004, p. 242.

⁴¹ CARSON, 2009, p. 471.

⁴² CARSON, 2009, p. 470.

⁴³ CARAGOUNIS, In: REID, 2012, p. 1062.

⁴⁴ RICHARDS, 2004, p. 243.

⁴⁵ PETERS, 2000, p. 140.

⁴⁶ WRIGHT, 2012, p. 159.

⁴⁷ GOHEEN, 2014, p. 80.

⁴⁸ PETERS, 2000, p. 158.

houve recepção de sua mensagem. Com afirma Caragounis: “os grandes profetas éticos denunciaram a infidelidade de Israel contra o Criador e Rei (Senhor) do universo, que tinha prazer em se identificar com Israel”.⁴⁹

Com relação ao sistema de governo israelita e seu fracasso em sustentar-se, Brueggemann afirma: “no centro da autoconsciência de Israel está o desastre de 587 a.C., quando o rei, o templo e a cidade falharam”.⁵⁰ Brueggemann insiste que “a monarquia, segundo qualquer discernimento prático, havia fracassado”.⁵¹ Por conta da rebelião de Israel, Deus os castigou com dois exílios. Sobre o exílio, subjugação e diáspora de Israel, Goheen declara o seguinte:

Os profetas são incapazes de deter a correnteza da rebelião de Israel, que por fim leva ao juízo de Deus. Em 722 a. C., as dez tribos do norte (chamadas de Israel ao longo de todo o texto dos dois livros de Reis) são dispersas pelos assírios por todas as regiões do seu império. Em 586 a. C., as duas tribos restantes (chamadas de Judá no texto de Reis) são exiladas para a Babilônia. Parece que nesse ponto da história de Israel o propósito de Deus de levar bênção às nações por meio de seu povo caiu por terra.⁵²

Por mais angustiante que seja a situação, “Deus não desiste de Israel: a identidade e o papel missionais do povo assumem uma nova forma uma vez que Israel foi despojado de sua soberania nacional e precisa agora aprender a viver como uma pequena minoria em meio as culturas pagãs”.⁵³ A identidade e o papel missional de Israel no exílio também são mantidos vivos por meio de uma esperança resoluta inspirada pelos profetas.⁵⁴ Goheen conclui seu relato da missionalidade de Israel com uma sentença negativa: “A história do Antigo Testamento termina com fracasso e também com esperança”.⁵⁵

A esperança apontada por Goheen se refere às promessas de Deus de restaurar o Reino a Israel. Por meio do livro do profeta Daniel, é possível identificar o novo conceito de Reino, que permeou a esperança judaica do período intertestamentário até os dias de Jesus e da igreja.

Daniel não apenas apresenta o reino de Deus despido de sua natureza davídica, terreno e política, mas também descreve seu agente como um ser celeste e transcendental. A nova situação criou não apenas um novo conceito de reino de Deus, mas também uma transformação em seu agente.⁵⁶

Essa concepção de Reino de Deus moldou a esperança de Israel no período Interbíblico. Os judeus em geral entenderam que o Reino de Deus seria devolvido a eles por meio de um evento escatológico catastrófico. O que, de fato, não ocorreu. A despeito desta posição sobre

⁴⁹ CARAGOUNIS In: REID, 2012, p. 1062.

⁵⁰ BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2014, p. 796.

⁵¹ BRUEGGMANN, 2014, p. 797.

⁵² GOHEEN, 2014, pp. 83,84.

⁵³ GOHEEN, 2014, p. 84.

⁵⁴ GOHEEN, 2014, p. 90.

⁵⁵ GOHEEN, 2014, p. 92.

⁵⁶ CARAGOUNIS In: REID, 2012, p. 1062.

o Reino de Deus e seu estabelecimento, o papel missional de Israel não foi cumprido plenamente. Deus ainda mantém seu propósito missional, mas agora por meio de um novo povo que será formado diretamente por Jesus.

2. A MISSÃO DO POVO DE DEUS NO NOVO TESTAMENTO

A história de Israel contida no Antigo Testamento termina com fracasso e esperança; fracasso em sua missão em ser luz para as nações, mas esperança de restauração, prometida por Deus por meio de seus profetas. Agora, o Messias invade a história para trazer a restauração proferida no Antigo Testamento. Ele anuncia e inaugura o Reino de Deus e forma uma nova comunidade a partir de um pequeno grupo. Sua missão terá dois eixos principais: testemunhar e proclamar o Reino de Deus. A igreja do primeiro século cumpriu seu chamado missional, resta saber se a igreja atual também está cumprindo sua identidade e missão. Sendo assim, o ponto dois deste artigo destacará a nova formação do Povo de Deus, sua Missão e o Cumprimento (ou não) desta missão.

2.1. A Nova Formação do Povo de Deus

Pode-se dizer que a formação do povo de Deus por Jesus começa na escolha dos doze. O que segue com as narrativas comissionais diz respeito aos aspectos missionais do povo de Deus, aqui chamados de *igreja*. Segundo McGrath:

Dos vários modelos de igreja lançados pelo Vaticano II, o mais importante é o que concebe a igreja como “o povo de Deus”. Esta noção é fortemente bíblica e tem raízes nos dois testamentos. O Vaticano II é cuidadoso em evitar uma identificação direta do “povo de Deus” com a “igreja católica romana”, como também busca evitar a sugestão de que a igreja tenha de alguma forma substituído Israel como povo de Deus. Na verdade, o segundo capítulo do texto produzido pelo Concílio sobre a vida da igreja descreve-a como “o novo povo de Deus”, cuja existência é estabelecida em continuação a de Israel. A eleição da igreja como povo de Deus não envolve a rejeição de Israel, mas antes uma extensão do Reino de Deus.⁵⁷

Israel fracassou no cumprimento de sua missão, mas a igreja foi eleita para dar continuidade à missão de ser luz para as nações. E Jesus escolheu um novo povo a partir de apenas doze homens. “O fato de Jesus ter escolhido exatamente doze homens, não mais e nem menos, indica que ele tinha em mente o novo Israel, pois o antigo Israel tinha doze tribos e doze patriarcas”.⁵⁸ Assim, é possível perceber um aspecto de continuidade com relação ao propósito missional de Deus. Essa nova formação do povo de Deus no Novo Testamento é o cumprimento das promessas feitas a Israel das Escrituras judaicas. Hagner afirma: “em todos

⁵⁷ McGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005, p. 560,561.

⁵⁸ HENDRIKSEN In: KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014, p. 109.

os três evangelhos sinópticos a missão aos gentios está no horizonte já no ministério de Jesus, e os autores enfatizam o sentido universal da missão”.⁵⁹

Essa nova formação do povo de Deus também é atestada por Bock. Segundo ele, “Lucas-Atos ensina que Deus está agindo por meio de uma nova entidade chamada igreja. A igreja possui velhas raízes, resultado da atividade de Deus no cumprimento de suas antigas promessas”.⁶⁰ Marshall segue na mesma direção de uma comunidade nova, mas com raízes antigas, o que sugere um tipo de renovação. Segundo Marshall:

O conceito de reino de Deus implica uma comunidade. (...) A mensagem de Jesus foi dirigida a Israel e dizia respeito à renovação de Israel, ou seja, o povo de Deus. O objetivo era a renovação do povo como comunidade, não apenas o arrependimento de indivíduos, embora o caminho para a renovação acontecesse por meio do arrependimento.⁶¹

A formação do povo de Deus no Novo Testamento não diz respeito à identidade nacional, mas às características da religião de Israel em seu aspecto moral ainda são válidas. Segundo Erikson, “espera-se do povo de Deus uma qualidade especial de santidade”⁶² e isso não é algo novo, mas já foi apontado anteriormente na adoração no deserto. Segundo Goheen, “na essência, Israel havia perdido de vista seu papel e sua identidade na missão de Deus: abençoar as nações”.⁶³ Ele prossegue dizendo que “o povo de Deus, Israel, fracassou em sua tarefa: em vez de ser um povo de contraste, tornou-se como outras nações, contaminado pela idolatria”.⁶⁴ Daí a necessidade de uma nova comunidade, que reflita a missão de Deus e leve a cabo seu propósito missional.

Quando se fala do padrão que a igreja segue, não foge às ideias veterotestamentárias. Segundo Couto, no que diz respeito à missão da igreja, isto é, seu serviço, “a igreja segue o mesmo padrão de Israel”, pois “a expectativa da chegada do Céu é uma força motivadora para que ela exerça, hoje, a sua espiritualidade no mais alto nível e esteja consciente dos reflexos de sua relevância no mundo através do serviço”.⁶⁵ Jesus formou uma nova comunidade para cumprir a missão que fora dada a Israel. Essa comunidade deveria apresentar as mesmas características de santidade e identidade que o antigo Israel. O povo de Deus é estabelecido no dia de *pentecostes* como *igreja*⁶⁶ e agora tem uma missão a cumprir.

2.2 A Missão do Novo Povo de Deus

Já fora destacada anteriormente a missão do povo de Deus no Antigo Testamento. Agora que Jesus escolheu doze homens, por meio dos quais forma uma nova comunidade, é

⁵⁹ HAGNER In: ALEXANDER, 2009, p. 182.

⁶⁰ BOCK, In: ALEXANDER, 2009, p. 187.

⁶¹ MARSHALL, In: REID, 2012, p. 636.

⁶² ERIKSON, 2015, p. 1001.

⁶³ GOHEEN, 2014, p. 100.

⁶⁴ GOHEEN, 2014, p. 99.

⁶⁵ COUTO, Geremias do. In: GILBERTO, Antônio; et. al. **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 391.

⁶⁶ GEISLER, 2010, p. 511.

necessário observar como se caracteriza a missão e o serviço deste povo missional. O ponto de partida para compreender a missão do povo de Deus é o conceito de Reino de Deus. Como bem afirma Padilla, “a missão da igreja, conseqüentemente, só pode ser à luz do Reino de Deus”.⁶⁷ Se considerar a missão do povo de Deus à luz da missão de Jesus, torna-se mais fácil perceber seus aspectos missionais. Padilla defende que:

Em outras palavras, a missão histórica de Jesus só pode ser entendida em conexão com o Reino de Deus. Sua missão aqui e agora é a manifestação do Reino como uma realidade presente em sua própria pessoa e ação, em sua pregação do evangelho em suas obras de justiça e misericórdia.⁶⁸

Wright segue a mesma posição, ao descrever os aspectos que caracterizam a missão do povo de Deus. Para Wright, “com certeza, a verdadeira missão do povo de Deus é sair, disseminar a Palavra, testemunhar, evangelizar, falar de Jesus para pessoas e apresentar o que é preciso fazer para ser salvo”.⁶⁹ Jesus anunciou a chegada do Reino de Deus e demonstrou os valores e o poder deste Reino em sua proclamação e ação. A igreja como povo de Deus, portanto, deve viver o Reino e anunciar o Reino. Segundo Wright, Jesus usou se ministério para fazer discípulos, pois é necessário que haja discípulos para se fazer ainda outros discípulos. E tudo dentro do discipulado (lições práticas e objetivas sobre a vida, atitudes, comportamento, confiança, perdão, amor, generosidade, obediência a Jesus e ações transculturais em relação a outros) “era o que significava viver no Reino de Deus aqui. Em suma, você tinha que viver em sujeição ao Reino de Deus se quisesse pregar sobre o Reino de Deus”.⁷⁰

Basicamente, a missão do povo de Deus recai sobre dois eixos principais: *dar testemunho* e *anunciar as boas novas*.⁷¹ Uma testemunha, basicamente, é alguém que dá testemunho de outrem. Neste caso, “a vida do crente e sua palavra servem como testemunho ao mundo”⁷² de sua pertinência ao Reino de Deus. Acerca do ato de testemunhar, Wright sugere que as testemunhas no Novo Testamento foram escolhidas “para cumprirem o papel de Israel, de servo; para ser uma luz para as nações, a fim de que a salvação de Deus chegasse aos confins da terra”.⁷³

O sentido no qual é ordenado que o povo de Deus seja *testemunha*, diz respeito ao seu estilo de vida em contraste com a cultura do mundo. Sobre isso, Goheen afirma que “a vida dos seguidores de Jesus deve servir como sinal do Reino, do poder curador e libertador de Deus que irrompe na história”.⁷⁴ Não há dúvida de que tal testemunho da verdade sobre

⁶⁷ PADILLA, C. René. **Missão integral**: o reino de Deus e a igreja. Tradução de Emil Albert Sobottka e Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2014, p. 211.

⁶⁸ PADILLA, 2014, p. 213.

⁶⁹ WRIGHT, 2012, p. 194.

⁷⁰ WRIGHT, 2012, p. 194.

⁷¹ WRIGHT, 2012, p. 195.

⁷² YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (edit.) **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, et. al. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1401.

⁷³ WRIGHT, 2012, p. 205.

⁷⁴ GOHEEN, 2014, p. 114.

Jesus, no poder do Espírito Santo, é o privilégio e a responsabilidade contínua de todos os seus seguidores fiéis através das gerações.⁷⁵ Disso se deduz que o papel do povo de Deus na atualidade ainda consiste em testemunhar sobre Jesus.

Quando se fala sobre *testemunha* de Jesus, é necessário esclarecer que não se trata de um ministério ou dom de testemunhar, mas diz respeito ao dever do cristão como salvo e pertencente ao Reino de Deus. Isso engloba todo o povo de Deus. Sobre isso, Wright declara: “não somos todos chamados para ser evangelistas, mas todos somos chamados para ser testemunhas”.⁷⁶ Esse mesmo sentido é atestado por Peters. Segundo Peters, “todos os cristãos são testemunhas de Cristo e divulgadores das Boas Novas, porém nem todos os cristãos são missionários, assim como nem todos os cristãos são pregadores do Evangelho ou pastores-doutores das igrejas”. Fica evidente que não se trata de um dom ministerial ou espiritual, mas de uma dádiva do Reino de Deus. Aquele que pertence ao Reino de Deus, naturalmente será uma testemunha dos efeitos da ação de Cristo em sua vida. Aqueles que pertencem ao Reino de Deus são as testemunhas de Jesus, eles são luz para as nações.

Somente após pertencer ao Reino de Deus e ser sua testemunha viva, é que se poderá *pregar* sobre o Reino, e isso não é para todos. Wright recorda os primeiros dias do povo de Deus na igreja primitiva. Segundo ele, “em suma, você tinha que viver em sujeição ao Reino de Deus se quisesse pregar sobre o Reino de Deus”.⁷⁷ Cumprir a vocação do Reino de Deus era o requisito necessário para aqueles que desejavam anunciar as boas novas. Baseado na passagem de Mateus 24.14, Wright conclui que:

Em suma, o Reino de Deus é encontrado entre aqueles que entendem a sua missão de trazer a *paz*, fazer o *bem* e proclamar a *salvação* de Deus. Porque essas são as coisas (...) que constituem a boa-nova de que “nosso Deus Reina”. O evangelho é *boas novas sobre Deus*, como a base para tudo o que torna o *Senhor boas-novas para nós*. Desse modo, o evangelho é basicamente as boas novas do Reino de Deus.⁷⁸

Com base na afirmação de Wright, é possível perceber que a missão do povo de Deus do Antigo Testamento, do Novo Testamento e da atualidade, consiste em testemunhar e pregar o evangelho de Reino de Deus. Ser testemunha do Reino de Deus é estar plena e conscientemente convicto de que Deus Reina. Todo aquele que conhece a verdade sobre Deus deve dar testemunho dos feitos de Deus, a fim de que outros também venham ao encontro do Senhor e tornem-se também testemunhas.

2.3 O Cumprimento da Missão

Se a missão do povo de Deus consiste em viver o Reino e Proclamar o Reino, então deve-se perguntar se isso ocorre com o povo de Deus da atualidade.⁷⁹ Como fora declarado anteriormente, a missão do povo de Deus realmente é viver e anunciar o Reino de Deus, mas

⁷⁵ WRIGHT, 2012, p. 211.

⁷⁶ WRIGHT, 2012, p. 195.

⁷⁷ WRIGHT, 2012, p. 194.

⁷⁸ WRIGHT, 2012, p. 223.

⁷⁹ ROJAHN, Evandro Roque. *O reino de Deus e a missão da igreja*. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 148.

afirmar que o povo de Deus esteja atualmente anunciando o Reino de Deus cabalmente é uma questão difícil. Segundo Rojahn, “o grande número de vezes que a expressão “Reino” aparece, seja dita por Jesus, seja por João ou outro personagem/escritor, comprova que o tema central da proclamação pública de Jesus é o Reino ou Reinado de Deus”.⁸⁰ A frequência de menções e ordenações acerca da missão de anunciar o Evangelho do Reino de Deus é realmente significativa para afirmar que a missão do povo de Deus consiste em dar sequência a essa proclamação.

David W. Bercot questiona sobre o evangelho que está sendo anunciado na atualidade, e não tem boas impressões sobre isso. Bercot afirma:

O irônico é que embora o reino de Deus seja o tema principal da pregação de Jesus, a mensagem do reino está quase totalmente ausente do evangelho que se prega na atualidade. Qual é o tema principal da maioria das pregações de hoje? A salvação pessoal do homem, não é? Não é o reino de Deus.⁸¹

A igreja tem muitas demandas, mas a proclamação do Evangelho do Reino não deve ser menosprezada, pois “nenhuma emergência, contudo, pode ser comparada à emergência da proclamação do Evangelho”,⁸² do evangelho do Reino de Deus. A igreja deve ter como característica amplamente significativa o seu desejo de viver o Reino e anunciar as boas novas deste Reino. Segundo Goheen, “a vida da comunidade de Jesus deve ser caracterizada pelo amor e pelo anseio pela implantação do Reino, e não deve estar comprometida com outros senhores ou preocupações (Mt 6.19-34)”. A igreja é a comunidade do Reino de Deus, isto é, a comunidade que evidencia o Reino.

A igreja não criou o Reino, pelo contrário, a importância da proclamação da mensagem do Reino recai sobre a criação da própria igreja, pois “é a mensagem do Reino que cria a igreja”.⁸³ A igreja que não vive e não proclama o Reino de Deus não foi criada por ele, nem pertence a ele. Os indivíduos são integrados ao Reino de Deus para que possam servir ao Reino, eles são envolvidos como instrumentos na obra do Reino de Deus, e suas palavras e ações são usadas por Deus para produzir o fruto de seu Reino vindouro.⁸⁴ Assim, aqueles indivíduos que pertencem à denominação e alegam ter outras prioridades podem ser considerados inúteis para o Reino de Deus. A prioridade do povo de Deus deve ser viver e proclamar as boas novas do Reino de Deus, em qualquer época e lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se ouve falar de proclamar o Reino de Deus como sendo a missão mais relevante do povo de Deus, deve-se ter em mente qual é a identidade desse povo de Deus. Quando se

⁸⁰ ROJAHN, E. R. A temporalidade do Reino de Deus na pregação de Jesus a partir de alguns pensadores da Teologia do Novo Testamento. *Revista Ensaios Teológicos*: v. 03, n. 01, jun. 2017, p 148-162. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017, p. 152.

⁸¹ BERCOT, David W. **O reino que alvoroçou o mundo**. Tradução de Eduardo Vieira da Silva. Farmington: Publicadora Lâmpada e Luz, 2009, p. 15.

⁸² PETERS, 2000, p. 398.

⁸³ GOHEEN, 2014, p. 233.

⁸⁴ GOHEEN, 2014, p. 233.

menciona “povo de Deus”, alguns associam esse conceito ao de igreja e a partir disso, já se poderia concluir que esse “povo de Deus” é aquela igreja que Jesus disse que edificou. A mesma que foi estabelecida no dia de Pentecostes e que fora comissionada a anunciar o Evangelho do Reino. Essa não pode ser considerada uma ideia completamente errada. Porém, o conceito de povo de Deus tem raízes mais profundas e antigas que isso. O povo de Deus foi chamado de igreja quando assumiu sua continuidade na missão do antigo Israel, que também era povo de Deus.

Foi possível ter uma ideia mais abrangente da missão do povo de Deus. Fora importante analisar a formação do povo de Deus desde o início. Primeiramente foi pesquisado o início do povo de Deus, que não diz respeito apenas à igreja, mas os salvos de todas as épocas. Foi de suma importância conhecer as promessas de Deus a Abraão e demonstrar a grande relevância que seu chamado teve para o povo de Deus no que diz respeito à sua identidade e missão. Após isso, o povo de Deus foi levado para o deserto, onde pôde se estabelecer, dessa vez, porém, sendo esclarecido o motivo de sua eleição dentre as outras nações e o propósito para o qual foram chamados por Deus. Para concluir, o primeiro ponto foi importante pensar um pouco sobre a monarquia de Israel. O que parecia ser promissor, levou a nação toda a um destino cruel, exílios e diáspora.

Igualmente importante foi analisar e refletir sobre a questão de Israel, na condição de povo de Deus, ter ou não cumprido sua missão e estabelecido sua identidade. Isso foi de importância ímpar para compreender a necessidade de um desdobramento especial para o Novo Testamento, a escolha dos doze como núcleo do novo povo de Deus. Foi interessante conhecer as implicações do chamado dos doze e o estabelecimento de sua missão e identidades comparadas ao povo de Deus do Antigo Testamento. Outro fator não menos importante foi descrever os dois eixos da missão do povo de Deus no Novo Testamento: *testemunhar* e *proclamar* o Reino de Deus. Após delineados esses dois eixos, tornou-se mais fácil determinar, por meio de comparação, se o povo de Deus da atualidade está ou não, cumprindo sua missão e evidenciando sua identidade como povo de Deus. O resultado não foi dos melhores, mas permanece a necessidade e a oportunidade de conhecer o Reino de Deus, testemunhá-lo e proclamá-lo como prioridade e missão do povo de Deus.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. D.; et. al. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Tradução de William Lane. São Paulo: Vida, 2009.

BERCOT, David W. **O reino que alvoreçou o mundo**. Tradução de Eduardo Vieira da Silva. Farmington: Publicadora Lâmpada e Luz, 2009.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada Harpa Cristã**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CARSON, D. A.; et. al. **Comentário bíblico Vida Nova**. Tradução de Carlos E. S. Lopes. et al. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**: Vol. 2; pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas. Tradução de Marcelo Gonçalves e Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GILBERTO, Antônio; et al. **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GOHEEN, Michael W. **A igreja missional na Bíblia**: luz para as nações. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**. Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2016.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014.

McGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.

PADILLA, C. René. **Missão integral**: o reino de Deus e a igreja. Tradução de Emil Albert Sobottka e Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2014.

PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Tradução de Adão Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

REID, Daniel G. (edit.) **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. São Paulo: Vida, 2004.

ROJAHN, E. R. A temporalidade do Reino de Deus na pregação de Jesus a partir de alguns pensadores da Teologia do Novo Testamento. **Revista Ensaios Teológicos**: v. 03, n. 01, jun. 2017, p 148-162. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2017.

ROJAHN, Evandro Roque. **O reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2007.

VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica**. Tradução de Alberto Almeida de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (edits). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, et. al. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.